

A prática de produção de texto na escola

Marilene Rodrigues de Araújo Campos - UEMS

Mislene Ferreira Cabriotti - UEMS

Resumo: Este estudo insere-se na perspectiva metodológica dos gêneros textuais – orais e escritos, e propõe uma experiência de produção textual em sala de aula do gênero artigo de opinião, pautando-se teoricamente em Bahktin (1995), Geraldi (2004), Possenti (2004), entre outros. A partir disso, será discorrido sobre a importância da prática de leitura, escrita e produção textual na escola, bem como sobre a utilização de critérios para a realização da correção dos textos redigidos pelos alunos, destacando-se principalmente os resultados positivos que se obtém com a refacção do texto, promovendo, dessa forma, o ensino de língua materna com ênfase em produção de sentidos sob o viés dialógico da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero textual; Produção; Refacção.

Introdução

Este artigo trata sobre a prática de produção de texto e não foi escolhido apenas por ser um tema gerador de diversas discussões, mas, principalmente, por estar diante de tantos trabalhos já realizados por meio de autores conceituados em busca de um método de aplicação que seja eficaz e, sobretudo, prazeroso aos alunos para que realizem suas produções.

Há muito tempo atividade prazerosa de prática de produção de texto não se manifesta com igual teor, pois o que se presencia hoje é exatamente um distanciamento desta.

O que se constata é que os alunos, sem generalizar, mas em sua maioria, tratam a realização de produção textual como uma atividade que exige muito sacrifício, desgaste e que não serve para nada, pois veem o professor sendo seu único corretor e preestabelecido leitor, que utilizará o texto como pretexto para corrigir erros ortográficos, de concordância, acentuação e que a função do texto que fora pedido tem o simples propósito de atribuição de notas.

Diante disso, percebe-se que o aluno muitas vezes tem a devida razão, e é com pesar que dizemos isso.

As inadequações podem ser percebidas e corrigidas, o que nem sempre ocorre. Isso é algo que depende muito do aluno porque os erros normalmente vêm circulados e dependerá do estudante a percepção

do erro, e, ainda se não for possível recordar a forma de escrita, deve-se posteriormente recorrer a uma pesquisa, daí sim ocorrerá a efetivamente a aprendizagem, mas será que ocorrerá este processo?

O processo de revisão e reescrita é algo de bastante valia quando refere-se à produção de texto, mas se deter simplesmente aos recursos gramaticais, deixa de sê-lo.

Deve-se com esta refacção propor uma nova análise sobre a construção textual, as ideias expressas, a coerência, a devida coesão de acordo com o conteúdo e a interpretação que se deseja obter, estar ainda de acordo a estruturação sobre o gênero pedido, analisar se sua finalidade foi alcançada e isso varia de acordo com o que o professor deseja avaliar.

Bases teóricas para a realização de produção textual proposta na escola do ensino fundamental - 5º ao 9º ano

A maneira de se ensinar a “língua portuguesa” na escola está diretamente ligada às Tendências Pedagógicas. Muitos professores e escolas ainda aderem completamente à pedagogia Liberal Tradicional em que o método de transmissão do conhecimento é através de exposição, demonstração verbal da matéria e/ou por meio de modelos. E a aprendizagem é receptiva e mecânica, sem considerar características próprias de cada idade. Em contrapartida o professor, autoritário, exige atitude receptiva de seu aluno.

Diante de várias pesquisas realizadas durante muitos anos ficou constatada a maneira errônea de transmissão de conhecimentos aos alunos, que estava na verdade causando distorções quanto ao ensino da língua materna.

Os PCN foram idealizados como forma de auxiliar o professor em suas angústias enfrentadas, e, conseqüentemente auxiliar o sistema educacional no geral. O que se prevê é que o Ministério da Educação e do Desporto formule juntamente com os professores, métodos e conteúdos apropriados para satisfazer a necessidade de aprendizagem efetiva dos educando, favorecendo aos mesmos uma educação de qualidade.

Observamos que a formulação destes textos na verdade já vem pronta e acabada lá do topo, sem que haja a devida participação dos seus maiores interessados, os professores. Contudo observamos que traz à tona os principais anseios de como, e o que trabalhar e melhorar para que se efetive a aprendizagem.

Com isso o que se almeja é uma aula de língua portuguesa sem regras de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração, concordância e regência nominal e verbal, regras sobre pontuação, etc?

Não. O que se pretende é uma forma mais autêntica de ensino. Sem que o aluno tenha que decorar para realizar um prova que, muitas vezes, é sua única forma de ser avaliado pelo professor, mas deixemos isso para outra discussão.

Esta foi a prática de ensino por nós vivenciada durante todos os nossos anos escolares. Ao sair do Ensino Médio, verificamos a necessidade de aplicar a gramática estudada na escola, mas de forma contextualizada, pois vários concursos, se já não mudaram a maneira de avaliar a capacidade de seu candidato, estão modificando esta forma de avaliar.

O texto como produto da interação social

O texto é uma manifestação verbal ou não-verbal qualquer, desvinculada da realidade social, cultural, discursiva do produtor ou do interlocutor. Desde que se transmita uma mensagem e se estabeleça uma comunicação nós temos um texto. Pois é exatamente o que pretendemos elucidar, o texto não tem uma característica específica do “criar adequadamente à situação de interlocução”, não estamos querendo dizer que um texto deve ter frases soltas, sem sentido algum, até mesmo porque sabemos que isso não caracteriza um texto, mas, para que houvesse um melhor eficácia na comunicação seria necessário um pouco mais de restrição, daí é que fazemos a utilização do gênero textual, que é uma maneira mais direcionada quando se tem um propósito específico. Por fim, um texto deve possuir textualidade como afirma (Beaugrand e Dressler, 1983 in COSTA VAL:5)

Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases. [...] sete fatores são responsáveis pelas textualidade de um discurso qualquer: a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, e a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

O texto deve ser adequado à situação comunicacional para a qual foi produzido. Portanto, faz-se necessário que o aluno conheça a estrutura, adequação do conteúdo e a linguagem apropriada, o interlocutor e situação como um todo, incluindo-se a finalidade do texto.

Hoje, essa prática de ensino de diversos gêneros textuais é mais difundida nas escolas. Posto que, percebíamos antigamente, como já fora citado, uma excessiva preocupação em ensinar só a gramática aos alunos, ou produzir textos totalmente “descompromissados”, sem nenhuma utilidade específica, a não ser para o professor corrigir sua ortografia e regência. De forma que os alunos saiam do ensino médio sem conseguir produzir seu próprio currículo, ou fazer um requerimento, textos que são corriqueiros em nossas vidas. É claro que a necessidade nos faz perceber e aprender com maior clareza diversas coisas, mas um aluno não precisa se sentir pressionado a produzir um texto, para, então, começar a produzi-lo. Podem-se criar situações semelhantes a real necessidade de produção textual. Por exemplo, por que não trocar correspondência entre os alunos quando estão aprendendo a escrever carta familiar, ainda que esta hoje seja pouco utilizada, em detrimento de outras tecnologias, como a internet; fazer um requerimento e enviá-lo para a direção da escola. Todas essas práticas são válidas se levarmos em consideração a intenção que está por trás da produção textual.

O professor é o mediador entre aluno e conhecimento deste sobre a linguagem como produto da interação social. Sendo importante muitas vezes reciclarmos nossas práticas pedagógicas, e desta forma facilitarmos a compreensão para que o estudante veja uma real função naquilo que lhe é proposto.

Ouve-se muito falar, inclusive na mídia, em prática de leitura. Prática esta que deve ser exercitada desde muito cedo por nossas crianças. De fato, o exercício de leitura é bastante importante para que se desenvolva a aptidão, não somente para o puro ato de ler, ou seja, a oralidade do texto, mas especialmente na análise e na reflexão condizente ao objeto estudado.

Além destes artefatos, o ato de leitura é bastante importante para desvelar caminhos para uma boa escrita, objeto de estudo desta proposta.

Levemos em consideração que quem lê desperta sua imaginação, conhece outras culturas, talvez impossível de conhecê-las a olhos nus. Quando nos referimos à cultura, não é apenas aquela tradição letrada, mas também incluímos todos os tipos de artes que proporcionam o conhecimento de costumes e do ambiente histórico proporcionado pelo diferente.

Por que tratar da prática de leitura se o objeto de estudo deste artigo é a prática de produção textual? Percebemos que ambas devam ou possam caminhar juntas. Pensamos que o maior domínio de conhecimento prévio que o aluno possui é aquele firmado através das leituras.

Tanto melhor produtor de texto quanto mais leitura. A habilidade adquirida no ato da leitura é inexplicável. O professor, especialmente o de Língua Portuguesa, tem em sua didática algumas formas que propiciam ao aluno para que seja um produtor competente. Mas trazer textos modelo, simplesmente para o alunos visualizarem a estruturação do texto a ser estudado não é válido. O ideal é que o aluno tome conhecimento mais profundo do texto, ou seja, que possa efetivamente ler e chegar a uma conclusão do que foi lido, assim este adquirirá conhecimento e se tornará um cidadão crítico, pois sabemos que para que se desenvolva uma competência crítica é necessário que se conheça sobre o assunto abordado.

Aprender a estruturação dos diferentes tipos textuais é tarefa fácil. Talvez até mecânica, mas o aluno não conseguirá realizar uma boa produção textual se não possuir determinado conhecimento daquilo que escreve, principalmente se é pedido a ele que realize uma dissertação argumentativa.

Observamos no nosso dia a dia que algumas práticas são realizadas em sala de aula e possuem características que desfavorecem a boa produção textual.

Citaremos alguma delas: a prática de produção textual a que nos referimos não diz respeito à variedade, e sim, à qualidade daquilo que se escreve. Estamos acostumados a observar práticas pedagógicas em que se incluem diversos gêneros textuais para serem aplicados em um tempo relativamente curto. Temos que ter um cuidado especial com a prolixidade. Não estamos dizendo que não se devem conhecer diversos gêneros textuais, mas devemos ter um cuidado especial no momento do aperfeiçoamento deste, ou seja, com a refação.

Sabemos que a realidade que observamos em sala de aula é bastante preocupante em relação a isto, pois os alunos estão acostumados a rascunhar o que se pede e tem muita insatisfação em realizar a atividade novamente – quando se pede. Dizemos quando se pede, porque ultimamente o que verificamos é que esta prática tem se distanciado cada vez mais da sala de aula. Acreditamos que, ou talvez falte tempo para determinada prática, ou os professores achem muito trabalhoso e cansativo trabalhar com um texto, realizando neste, se necessário, várias correções e fazendo as devoluções para que seus produtores possam aperfeiçoar.

Na verdade, esta prática não está sendo deixada de lado, ela está se iniciando, mas encontramos certa resistência também por parte dos alunos, que estão acostumados a receber uma nota por suas produções, que pode até ser uma nota indesejável, mas em contrapartida, não têm que realizar várias vezes a produção do mesmo texto. Devemos considerar que na refacção nunca teremos o mesmo texto, pois todas as vezes que mexemos nas produções textuais realizadas sempre sairão coisas novas e surpreendentes.

Além da refacção, faz-se necessário tratar sobre os diversos tipos de textos, que podem ser explorados no ambiente escolar, dependendo do objetivo o professor queira atingir enquanto aprendizagem para seu aluno.

Pedir que o aluno produza um resumo é diferente de pedir a ele que produza um texto argumentativo. Tendo em vista que neste, o aluno precisa explorar mais o seu conhecimento prévio, e conhecendo a realidade de nossa clientela observamos que nem sempre é possível que o aluno produza instantaneamente um texto dissertativo-argumentativo, em que o professor sugira simplesmente o título sem que se faça uma leitura anterior sobre o assunto a ser abordado. Não sendo possível este esclarecimento em sala de aula, através de debates ou de leituras que esclareçam o assunto a ser tratado, ou por falta de planejamento ou de tempo, deve-se dar um prazo para que o educando produza seu texto e que possa, antes de fazê-lo, procurar conhecer sobre o assunto a ser tratado. Citamos (POSSENTI, 14, 2005)

A primeira escrita decorre de um projeto ou de uma encomenda, como ‘no mundo’, e que seja fruto de alguma pesquisa, ou seja, que possa levar um certo tempo para ser elaborada. (o exemplo analisado por Eglê Franchi – escrever a partir de um fato que chamou a atenção de todos os alunos – pode ser comparado às reportagens de última hora que um jornal deve publicar para não ser ‘furado’ pelos concorrentes.) que, depois da primeira versão (ou da versão entregue), o texto escrito seja objeto de revisão(ões) – de reescrita, de correção, etc.

Outro fator importante que nos leva a questionamentos se não de nós mesmos, professores, mas dos alunos que não conseguem incorporar o ato de escrita, é a questão da não funcionalidade daquilo que escreve, já comentado anteriormente. Segundo GERALDI, (65:2004), “[...] é preciso lembrar que a produção de texto na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os texto)”.

Qualquer produção textual propõe que haja uma interação, ou seja, que seu autor possa estabelecer uma comunicação com o seu leitor. A princípio já verificamos o quanto é importante, então, além de dos

questionamentos o quê, quando, como, porque; sabermos para quem iremos escrever, quem será nosso interlocutor na construção textual. Consideremos então que nenhum texto é um ato isolado, pois até mesmo em um monólogo, existe a figura de quem escreve conversando com o seu eu interior. Cito Bakhtin (1995:113)

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Quando propomos aos nossos alunos que façam uma produção de texto, fica clara a angústia que lhes é tomada. Muitas vezes encaramos aquela angústia como falta de conhecimento sobre o conteúdo ou sobre a estrutura do gênero, e esquecemos de levar em consideração, o eu, estabelecido como interlocutor, pois o aluno acaba não vendo finalidade daquele texto que por ele será transmitido.

Algo de bastante valia é que o professor não seja o único corretor da produção textual de seus alunos. Trabalhar com projetos, jornal escolar, por exemplo, seria de extrema importância, pois a atividade se tornaria mais interessante, posto que o aluno constataria que seu texto teria um suporte verdadeiro e com certeza a produção se torna mais prazerosa.

É indispensável declarar que o que revela este “problema” na adequação ao público leitor é a falta de criatividade, interesse e investigação sobre como trabalhar melhor os textos produzidos pelos alunos. Não culpamos totalmente os professores, levando-se em consideração sua carga horária exacerbada, sem contar suas outras atribuições, como, corrigir provas, planejar e a falta de possibilidade de formação continuada.

O professor que escolhe trabalhar com a língua materna tem que ter a responsabilidade de desenvolver um trabalho mais prazeroso, especialmente no ensino fundamental, e não apenas um profundo respeito ao livro didático apenas e segui-lo como se fosse a bíblia. O aluno tem que ter motivação naquilo que lhe é proposto. De acordo com Possenti (9:2005) “ O domínio da escrita é ‘facilitado’ se a escrita na sociedade, ou seja, se forem consideradas, na prática escolar, certas características que a escrita tem na sua prática social”.

Não objetivamos tratar este artigo como um receituário, mas fazer análises positivas a respeito do ensino da língua materna, principalmente no que se refere à produção textual.

É latente que logo após ser pedida uma redação a maior preocupação do estudante é escrever corretamente. Na verdade se faz necessário depreender no aluno que a princípio, o que desencadeou o pedido do professor para a realização da produção é na verdade é o conteúdo, a exposição do assunto a imaginação do mesmo e não apenas o puro mecanismo formal de escrita, como regras gramaticais.

Observemos o exemplo citado por Geraldí (138 e 140;1997) em que é solicitado às crianças que inventem uma história a partir de gravura existente na cartilha.

Exemplo 01

O macaco e vovô

vovô é o macaco de boneca.

A boneca menina:

- Vovô, menina a boneca.

Menina dá boneca vovô.

(de um aluno de 1ª série, outubro/89, periferia da cidade de São Paulo)

Exemplo 02

A escola

A secola é bonita e lipa e não pede trazechiclete e não pe de traze

Ovo naora do lache tem mutascoza no lache e não po de repiti e

Tem mutajeteque repétenoloche e trazemateriau na secola e senão

Aprofesora da chigo

(de um aluno de 1ª série, outubro/89, periferia da cidade de São Paulo)

Geraldí reflete sobre condições de produção de texto, são elas:

- a) Ter o que dizer

- b) Ter uma razão para dizer o que se tem a dizer
- c) Se tenha para quem dizer
- d) Se constitua como locutor que se compromete com o que diz (ou, na imagem Wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) Escolha das estratégias

O que se reconhece no texto 1 é a preocupação em utilizar os elementos que apareciam na gravura sem se importar na realidade com a concatenação de ideias. Enquanto no texto 2, embora se observe a real dificuldade do estudante adequar seu texto de acordo com análise linguística correspondente, fica clara a exposição de ideias realizada pelo mesmo.

Outro aspecto que é totalmente irrelevante e não acrescenta em nada à aprendizagem do aluno, é fazer uso em sala de aula de frases isoladas afastando o aluno de sua realidade natural, que é a construção de textos com começo, meio e fim, para expressar sentidos e intenções.

Outra prática que denominamos de inexpressiva e artificial é a centrada inteiramente em exercícios que oportunizam apenas a fixação de exercícios gramaticais, assim como: separação de sílabas, reconhecimento de dígrafos, encontros vocálicos e consonantais entre outros.

O estudante deve conscientizar-se que a escrita difere da fala no trato do ato de produção e de recepção, supondo desta forma condições de produções distintas.

De acordo com ANTUNES (2002:27), “A escrita corresponde a uma outra modalidade de interação verbal: a modalidade em que a recepção é adiada, (...)”. É comum escutarmos os estudantes dizerem “mas foi isso que eu quis dizer” no momento em que entregamos seus textos corrigidos. O aluno não leva em consideração nossa real interação. Não observa que seu interlocutor não está diante de si no momento da escrita. Na linguagem oral, quando percebemos que o interlocutor não entende o que dizemos, voltamos e repetimos, portanto, levar em consideração apenas o que está escrito. Por isso é necessário escrevê-lo bem escrito.

Verificamos com tudo isso que devemos abolir de nossas práticas a permissão de escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão; deve-se focalizar o conteúdo e a maneira de realizá-la.

É trivial escutar em ambiente escolar que se deve levar em consideração o ambiente cultural do aluno. Ora, isso quer dizer que um aluno proveniente de classe média baixa nunca poderá enriquecer seu campo lexical? Utilizar a semântica textual? Ele não possui capacidade de entender o que é coesão e coerência textual?

Como poderá este aluno concorrer com os demais futuramente em um concurso qualquer? E na própria compreensão de sua vida?

Devemos sim levar em consideração o ambiente cultural desse aluno, mas também devemos explorar seus conhecimentos, formalizar troca de opiniões, enriquecer as aulas com debates orais. A partir disso, os alunos terão motivação para escreverem, e não eximir o aluno da responsabilidade de escrever bons textos por julgá-lo incapaz por ser desprovido de conhecimento prévio.

Refletindo na prática o que a teoria propõe

Fora pedido aos alunos que produzissem um texto, cujo gênero era o “Artigo de Opinião”. Primeiramente foi levado para sala revistas e jornais em que pudessem visualizar quais seriam os suportes do gênero em foco. Realizamos a leitura de alguns textos para que pudessem mais claramente identificar o gênero em discussão.

O texto que seria produzido faria parte de uma avaliação. Então, foram repassados antes que começassem a produzi-lo alguns critérios de avaliação, desta forma já saberiam como os textos seriam avaliados. Os critérios foram os seguintes:

HABILIDADES	CRITÉRIOS DE CORREÇÃO	PONTOS	NOTA
01	Atende ao gênero e suas características.		
02	Mantém coerência textual- considerar o texto coeso se o aluno encadear os elementos coesivos (conjunções, preposições, advérbios, pronomes e pontuação) adequadamente, articulando-os dentro ou fora dos parágrafos, dando assim progressão sequencial correta. (Não aceitar elementos da oralidade)		
03	Mantém coerência textual com o tema proposto, incluindo o título.		

04	Emprega, corretamente, a acentuação gráfica nas palavras.		
05	Emprega, corretamente, a pontuação no discurso direto, indireto livre.		
06	Emprega a ortografia correta		
07	Emprega, corretamente, as regras de concordância verbal.		
08	Emprega, corretamente, as regras de concordância nominal.		
09	Apresentação visual: letra legível; centralizar título; pular linha entre o título e o texto.		

Além dos critérios, foram colocadas observações de como o aluno deveria produzir seu texto. O estudante visualizava os critérios e as observações e conseguia se situar para saber o que mais seria cobrado.

Percebe-se, no momento da entrega das folhas de produção, que não são realizadas tantas perguntas, pois as mesmas estão esclarecidas no início.

O valor para cada habilidade foi dado de acordo com o que se queria enfatizar mais. Sugere-se que um assunto que se acabou de estudar colaca-se mais pontos. Isso vai variar com o objetivo que o professor deseja que seu aluno alcance naquele momento.

O tema proposto para produção foi “Até que ponto a televisão atrapalha na convivência familiar?”.

As análises e reflexões prévias sobre o assunto abordado ajudaram muito para que os alunos desenvolvessem satisfatoriamente os textos. O que se percebe é que eles querem transcrever, complementar o tema discutido em sala, e desta forma começam a surgir as ideias e suas mentes ficam mais esclarecidas para que possam desenvolver suas produções.

Ao fazer as correções foram apontados e criados espécies de diálogos no texto, com a finalidade de fazer com que o aluno entenda o que ele errou com o propósito de fazê-lo corrigir, interessar-se pela correção e não apenas com o intuito de receber nota pelo que estava fazendo.

Com esse critério de correção o estudante consegue perceber o que ele tem melhorado e se sente cada vez mais motivado. Ouve-se muito os alunos dizerem “mas não sei o que errei para receber esta nota”, é óbvio, pois ainda hoje existem práticas de correção em que é simplesmente apontada a nota final, muitas vezes criticadas as produções no final do texto ou elogiadas e o principal, o aluno não consegue “decifrar”.

Acreditamos que é assim que podemos dizer, que não se fala com clareza o que realmente está errado e, quando os alunos percebem pensam que são problemas gramaticais de ortografia, pontuação, acentuação e desta forma não é destacado e nem valorizado o que o aluno progrediu quanto as suas ideias, seus conhecimentos adquiridos, a clareza utilizada no momento de produção.

Ao entregar os textos corrigidos para que fizessem a refacção, foi percebido que a princípio existe uma certa resistência quanto a isso, pois eles preferem passar para outro texto a refazer o mesmo, talvez por insegurança de não conseguir avançar mais na mesma produção. Mas no momento em que percebem que estão conseguindo visíveis melhoras se sentem mais motivados e começam a compreender a real necessidade de desembaraço em suas produções.

É interessante observar que pela segunda ou terceira vez que produzem, eles dizem “nossa não sei como pude escrever isso”.

Sempre que possível é interessante utilizar a produção de texto como forma de não avaliar severamente. Acreditamos que uma nota de conceito pela melhora apresentada pelo aluno seja mais interessante do que a nota de um aluno que escreva razoavelmente bem, mas nunca apresenta melhorias substanciais. É importante valorizar aquele produtor que tinha um tipo de escrita e que venha apresentando melhora.

Considerações Finais

Muitas pessoas, profissionais que estão cotidianamente trabalhando com a prática de produção de texto, podem estar pensando “como é bonito tudo isso na teoria” quero ver aplicar na prática?

O professor não deve ter receio de modificar sua prática de ensino, até mesmo porque a maneira com que se trabalha com uma turma pode não ser a mesma que trará resultados satisfatórios com a outra. Um exemplo disso, para que haja mais clareza no que é dito, seria o improvisado de aplicação de conteúdo. A questão do planejamento é muito importante e inquestionável, mas em algumas situações deve-se ousar e modificar completamente o método e muitas vezes até mesmo o próprio conteúdo.

Já se questionaram para saber quantos de nós em muitos momentos também somos passivos?



Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

Uma vez em sala de aula nos deparamos com uma situação surpreendente, mas completamente coerente, em que, ao ter explicado sobre o gênero estudado, a “crônica”, fizemos a leitura, análise e reflexão de algumas bastante conhecidas, e na finalização do trabalho sobre as mesmas foi solicitado aos alunos que a partir de algumas sugestões de notícias eles elessem uma que serviria de pretexto para que fizessem suas produções. Bem, um dos alunos virou-se e disse “professora eu acho engraçado os professores, nos pedem para produzirmos os textos e...por que vocês também não o fazem, quando estamos escrevendo?”

Em um primeiro momento achamos uma insolência aquilo, mas após algumas reflexões passamos a praticar, quando não estava auxiliando-os, muitas vezes também produzia textos junto com eles.

É claro que nem sempre é possível realizar esta prática, posto que muitos vezes estamos realizando outras ações, mas sempre que possível será bom para o professor e também ao aluno esta interação.

Este artigo não tem o propósito de sugerir técnicas de produção, mas de avaliar a forma de aplicação desta prática, e, conseqüentemente tentar corrigir as formas inadequadas que se fazem presentes em nossas rotinas, enquanto professores de produção de texto.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e Quarto ciclos do ensino fundamental (língua portuguesa). Brasília, MEC/SEF, 2001.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GERALDI, João Wanderley, et al. O Texto na Sala de Aula. 3ª ed. São Paulo. Ática, 2004.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

_____. PORTOS DE PASSAGEM. 4ªED. São Paulo. Martins Fontes, 1997. Estudos de Linguagem: inter-relações e perspectivas. Campo Grande: ED.UFMS, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 1989.

NETO, Gil. PCN e Ensino de Português: Da Gramática ao Texto e do Texto à Gramática. In: Silva, D. E. G da; LARA, G. M. P.; MENEGAZZO, M. A. (Org). Estudos de Linguagem: inter-relações e perspectivas. Campo Grande: ED. UFMS, 2003.

POSSENTI, Sírio. Gramática e Política in: O Texto na Sala de Aula. 3ªed. São Paula: Ática, 2004.

_____. Aprender à escrever (re)escrevendo. Campinas: CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005 (Coleção Linguagem e letramento em foco.)